



Universidades Lusíada

Vieira, Susana Cabrita, 1977-

Hamás : o protagonista no conflito Israelo-Palestiniano

<http://hdl.handle.net/11067/7242>

<https://doi.org/10.34628/gbqq-6h86>

Metadados

Data de Publicação 2023-11

Resumo O conflito entre Israel e a Palestina é uma das questões mais duradouras e complexas do cenário geopolítico internacional. No coração deste conflito encontra-se, hoje mais que nunca, o grupo Hamás, uma organização palestiniana que desempenha um papel significativo nas dinâmicas regionais. Este artigo visa examinar a história, os objetivos e as implicações do Hamás no contexto do conflito israelo-palestiniano...

The conflict between Israel and Palestine is one of the most enduring and complex issues on the international geopolitical scene. At the heart of this conflict is, today more than ever, the Hamas group, a Palestinian organization that plays a significant role in regional dynamics. This article aims to examine the history, objectives and implications of Hamas in the context of the Israeli-Palestinian conflict...

Palavras Chave Conflito israelo-árabe - 1993-, Hamás

Tipo article

Revisão de Pares yes

Coleções [ULL-FCHS] LPIS, n. 25-26 (2023)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-14T11:17:56Z com informação proveniente do Repositório

HAMAS:
O PROTAGONISTA INCONTORNÁVEL NO CONFLITO
ISRAELO-PALESTINIANO

Susana Cabrita Vieira

susanavieira5@gmail.com

ORCID: 0000-0002-3598-6258

DOI: <https://doi.org/10.34628/gbqq-6h86>

Data de submissão / Submission date: 12.09.2023

Data de aprovação / Acceptance date: 09.11.2023

Resumo: O conflito entre Israel e a Palestina é uma das questões mais duradouras e complexas do cenário geopolítico internacional. No coração deste conflito encontra-se, hoje mais que nunca, o grupo Hamas, uma organização palestina que desempenha um papel significativo nas dinâmicas regionais. Este artigo visa examinar a história, os objetivos e as implicações do Hamas no contexto do conflito israelo-palestino.

Palavras-Chave: Israel; Palestina; Hamas; Conflito; Guerra.

Abstract: The conflict between Israel and Palestine is one of the most enduring and complex issues on the international geopolitical scene. At the heart of this conflict is, today more than ever, the Hamas group, a Palestinian organization that plays a significant role in regional dynamics. This article aims to examine the history, objectives and implications of Hamas in the context of the Israeli-Palestinian conflict.

Keywords: Israel; Palestine; Hamas; Conflict; War.

Introdução

A 7 de Outubro de 2023, o Hamas, que controla a Faixa de Gaza desde que foi eleito em 2006, lançou um ataque sem precedentes sobre Israel com o lançamento de mísseis e rockets, mas também com a entrada de combatentes por terra e ar no território israelita. Este ataque foi inesperado por parte do governo israelita, o que permitiu o avanço das forças do Hamas no território de Israel, com a execução de vários civis e militares. No quase imediato, Israel, pela voz do seu Primeiro-Ministro, Benjamin Netanyahu, declarou que estavam em guerra. Esta disputa entre Israel e Palestina está profundamente enraizada nas vidas de israelitas e palestinianos, com consequências tremendas em termos políticos, mas também sociais e humanitários.

O Hamas sempre foi um ator relevante no conflito israelo-palestiniano. No entanto, essa relevância foi reforçada, pela negativa, com os acontecimentos do passado dia 07 de Outubro de 2023. Surgido na sequência da Primeira Intifada como movimento de oposição à ocupação israelita e com o propósito de estabelecer um estado islâmico na histórica Palestina, nos seus primórdios, esta organização surge como uma filial palestiniana da Irmandade Muçulmana, tendo-se estabelecido como a Irmandade Muçulmana da Palestina, e pautado por assumir uma posição mais comedida e até como uma organização de cariz fortemente social e apolítica, quando comparada com a sua congénere, a Irmandade Muçulmana do Egipto.

Tentar entender o que nos trouxe até ao conflito que hoje grassa na região implica conhecer a origem de Israel, do seu conflito com a Palestina e também a origem do Hamas, bem como as suas posições num contexto regional e internacional.

O conflito Israelo-Palestiniano

O conflito Israelo-Palestiniano é complexo, com natureza e intensidade que evoluíram ao longo do tempo.

No final dos anos 1800, um grupo de judeus espalhados pela Europa tinha o objetivo de criar um Estado Judeu, sendo que ficou decidido fazê-lo na Palestina. Esta migração de população judaica para a Palestina foi pacífica, mas à medida que o número de judeus a chegar aumentava exponencialmente, os locais (palestinos) começaram a ficar alarmados, aumento esse que se acentuou com a subida de Hitler ao poder. Na sequência do final da II Guerra Mundial, as Nações Unidas decidiram intervir nesta questão e, ao invés de enveredar pela “autodeterminação dos povos”¹, a Organização das Nações Unidas optou por ser ela própria a fazer a divisão do território. A sua recomendação ditava a entrega de 55% do território da Palestina ao novo estado judeu, o Estado de Israel, apesar destes últimos representarem apenas 30% da população total naquela zona. Os árabes rejeitaram o plano de partilha do território delineado pelas Nações Unidas que estipulava a existência de dois estados, um árabe e outro judaico, na região da palestina e, nessa sequência, deu-se a Guerra Israelo-Árabe de 1948, também chamada de Guerra da Independência pelos israelitas, que terminou em 1949 com a partição do território em três regiões: Israel, Faixa de Gaza e Cisjordânia. Nesta ocasião houve um vasto número de árabes que fugiram, à medida que Israel avançava no território, com a ONU a calcular que foram cerca de 700 mil.² Nesta altura, a Faixa de Gaza foi ocupada pelo Egipto e a Cisjordânia foi

¹ O princípio da autodeterminação dos povos é um princípio de Direito Internacional que procura assegurar a independência, a liberdade e o direito de organização própria dos povos. Visa proteger o direito dos povos de determinar o seu sistema de governo, organização económica e sociocultural. É um princípio com origem no costume internacional, tendo sido consagrado em vários tratados. A título de exemplo, no n.º 2 do artigo 1.º, artigo 55.º e artigo 73.º da Carta das Nações Unidas, de 26 de junho de 1945.

² United Nations. (1951). *GENERAL PROGRESS REPORT AND SUPPLEMENTARY REPORT OF THE UNITED NATIONS CONCILIATION COMMISSION FOR PALESTINE: Covering the period from 11 December 1949 to 23 October 1950*. <https://web.archive.org/web/20070606212650/http://domino.un.org/unispal.nsf/9a798adbf322aff38525617b006d88d7/93037e3b939746de8525610200567883%21OpenDocument>.

ocupada pela Jordânia até 1967, altura em que Israel tomou posse desses territórios durante a Guerra dos Seis Dias. Na sequência desta guerra, Israel obteve do Egipto o controlo territorial sobre a Península do Sinai e a Faixa de Gaza; da Jordânia, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental; e da Síria, os Montes Golã.³

Seis anos depois, deu-se a Guerra do Yom Kippur, onde Egipto e Síria avançaram com um ataque surpresa a Israel, por forma a recuperarem território que haviam perdido. Em 1979, após negociações de paz, Egipto e Israel assinaram um acordo que pôs fim a anos de conflito. Os Acordos de Camp David permitiram atenuar as questões entre Israel e a vizinhança próxima, mas não resolveu a questão palestiniana.

Em 1987 deu-se a Primeira Intifada, com a revolta dos palestinianos na Faixa de Gaza e na Cisjordânia contra Israel, que se estendeu até 1993, com a assinatura dos Acordos de Oslo I, os quais estabeleceram as condições para a Faixa de Gaza e a Cisjordânia se auto governarem e onde estava patente o reconhecimento da (recém criada) Autoridade Palestiniana e do governo de Israel. Dois anos depois surgiram os Acordos de Oslo II, onde estava patente de forma explícita a total retirada de Israel da Cisjordânia.

No ano 2000 surgiu a Segunda Intifada, na sequência da estagnação do processo de paz e da visita de Ariel Sharon à Mesquita Al-Aqsa. Esta Intifada duraria até 2005, ano em que Israel retirou da Faixa de Gaza (ver Figura 1, relativo à evolução da ocupação do território).

³ Em 2019, os Estados Unidos da América reconheceram a soberania de Israel sobre Golã, mas até hoje foi o único país a fazê-lo. In Robinson, K. (31 de Outubro de 2023). What is Hamas? *Council on Foreign Relations*. Consultado a 7 de Novembro de 2023, In <https://www.cfr.org/backgrounder/what-hamas>.

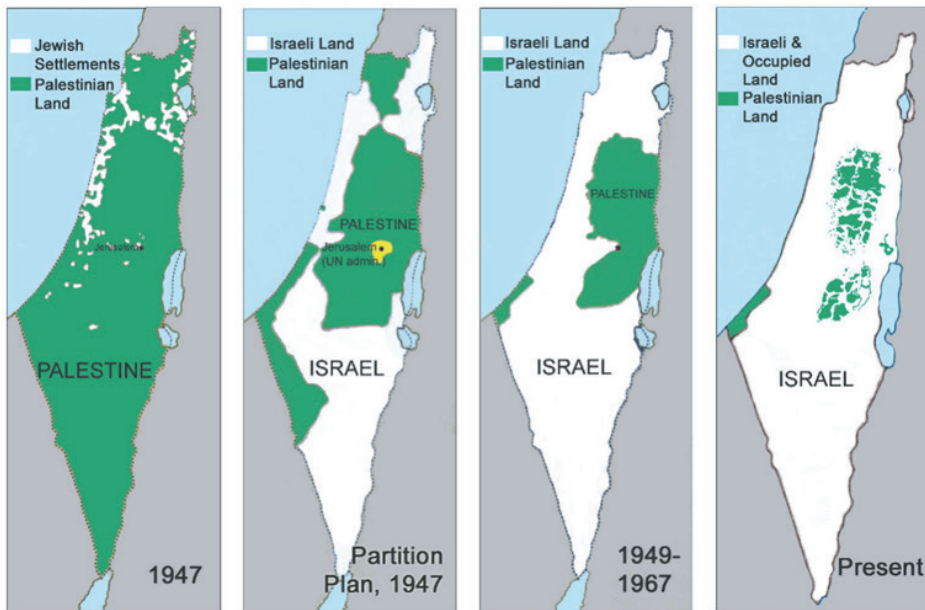


Figura 1 - Evolução da ocupação do território.

Fonte: (ifamericansknew, n.d.).

No ano seguinte a forma de luta do povo palestino tomara outros contornos. Este seria o ano de uma participação mais abrangente e assertiva do Hamas no cenário de luta do povo palestino, na sequência da sua vitória, nesse mesmo ano de 2006, nas eleições parlamentares da Autoridade Palestina, depondo o partido maioritário até então, a Fatah, tendo tomado o controlo da Faixa de Gaza. Esta tomada de controlo levou à eclosão de uma guerra civil entre o Hamas e a Fatah, que durou até 2011. A verdade é que nunca foi alcançado um verdadeiro consenso e, nesse sentido, pese embora a Autoridade Palestina seja a autoridade máxima da Palestina e tenha essa autoridade sobre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, o que efetivamente sucede é que na Faixa de Gaza é o Hamas quem governa *de facto*.

Desde então e até ao dia de hoje, falar acerca da luta palestina pela recuperação dos territórios ora ocupados por Israel, implica sempre falar acerca das ações tomadas pelo Hamas.

Nesse sentido, urge entender a organização Hamas.

Hamás: origem, evolução e atividades

O Hamás teve a sua origem na Irmandade Muçulmana, a qual, em 1945, inaugurou a sua primeira filial palestina - a Irmandade Muçulmana da Palestina (IMP) -, em Jerusalém, na lógica de ser uma extensão do movimento egípcio (Mishal, 2000).

Sucedeu, porém, que ao contrário da Irmandade Muçulmana do Egito, a Irmandade Muçulmana da Palestina dedicava-se a atividades sociais e culturais e não a ações de cariz político e muito menos violento. Exemplo disso foi o facto de, durante a Primeira Guerra Israelo-Árabe, conflito que levou ao colapso da Irmandade Muçulmana e da comunidade árabe palestina, a Irmandade Muçulmana da Palestina não ter tido uma participação expressiva (Mishal, 2000).

Após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, a Irmandade Muçulmana da Palestina ganhou um novo fôlego, em razão de Israel ter permitido as atividades islâmicas de cariz cultural e social nos territórios então conquistados, ou seja, na Cisjordânia (conquistada à Jordânia) e na Faixa de Gaza (conquistada ao Egito).

O Sheik Yassin⁴ acreditava que a Palestina precisava ser purificada a fim de estar preparada para a luta armada e para a luta política e, em razão das dificuldades sentidas pelo povo palestino, em especial os refugiados na Faixa de Gaza, o islamismo proposto pelo Sheik Yassin foi naturalmente aceite, na esperança de demover a ocupação de Israel e de melhorar as condições de vida. Esta trajetória foi reforçada com a subida ao poder de Khomeini⁵, no Irão, um opositor dos regimes norte-americano e israelita.

Vários foram os acontecimentos que pressionaram a Irmandade Muçulmana da Palestina a enveredar pela luta armada, com ênfase num acidente de trânsito que os palestinos viram como um assassinato e que levou, a 14 de Dezembro de 1987, ao surgimento oficial do Hamás, pela mão dos altos membros da Irmandade Muçulmana da Palestina, na Faixa de Gaza.

⁴ Um dos fundadores do Hamás e seu líder espiritual.

⁵ Khomeini foi um líder religioso e político iraniano que, em 1979, fez do Irão a primeira república islâmica do mundo.

Em 1993, na sequência da assinatura dos Acordos de Oslo, ou seja, de uma declaração de princípios assinada por Israel e pela Organização de Libertação da Palestina em que esta última renunciou à violência contra a primeira e em que ficou desde logo previsto criar a Autoridade Palestiniana, a qual teria autoridade sobre a Faixa de Gaza e Cisjordânia, tendo a Organização da Libertação da Palestina passado a ser reconhecida como a representante legítima de todos os palestinianos, pese embora a sua influência, ao dia de hoje, se cinja à Cisjordânia, com o Hamas a dominar a Faixa de Gaza, o Hamas recusou participar politicamente na organização da Palestina, justamente por se opor em absoluto a medidas resultantes destes Acordos, nomeadamente o reconhecimento do Estado de Israel, tendo inclusive boicotado as eleições realizadas em 1996.

Subjaz à Segunda Intifada a consolidação do Hamas como organização de resistência contra Israel. Nesta luta violenta, Israel ripostou com ataques de grande violência contra o Hamas, enfraquecendo a organização por via de ter eliminado o seu fundador, Sheik Yassin e tendo delapidado o seu braço armado, as Brigadas al-Qassam.

Em 2005, as forças israelitas retiraram-se unilateralmente da Faixa de Gaza, cerca de 38 anos depois de a terem capturado ao Egipto na guerra do Médio Oriente, abandonando os colonatos e deixando o enclave sob o controlo da Autoridade Palestiniana.

Mais tarde, em 2006, o Hamas decidiu participar no processo político e inesperadamente conseguiu conquistar a maioria dos assentos nas eleições legislativas palestinianas, tendo inclusive ficado à frente da Fatah. Israel e os EUA cortaram, nessa sequência, a ajuda aos palestinianos porque o Hamas se recusou a renunciar à violência e a reconhecer Israel. Ainda em 2006, militantes do Hamas capturaram um recruta do exército israelita⁶ num ataque a partir de Gaza que atravessou a fronteira, com a devida resposta israelita por meio de ataques aéreos e incursões em território de Gaza.

⁶ Gilad Shalit que é libertado mais de cinco anos depois, numa troca de prisioneiros.

Em 2007, após uma guerra civil, o Hamas assume o controlo da Faixa de Gaza e expulsa as forças da Fatah, leais ao presidente palestino, Mahmoud Abbas, que está baseado na Cisjordânia.

Israel lança uma ofensiva militar de 22 dias na Faixa de Gaza, em Dezembro de 2008, depois dos palestinianos dispararem rockets contra a cidade de Sderot, no sul de Israel. Cerca de 1.400 palestinianos e 13 israelitas morreram antes que um cessar-fogo fosse acordado.

Em 2012, forças israelitas matam o chefe do Estado-Maior militar do Hamas, Ahmad Jabari. Seguiram-se oito dias de lançamentos de rockets de militantes palestinianos e ataques aéreos por parte de Israel. Já em 2014, deu-se o rapto e assassinato de três adolescentes israelitas pelo Hamas. Este acontecimento leva a uma guerra de sete semanas onde morreram palestinianos e israelitas. Ainda no mesmo ano de 2014, e depois de várias tentativas falhadas, o Hamas e a Fatah assinaram um acordo para reconciliar a Faixa de Gaza (sob domínio do Hamas) e a Cisjordânia (sob domínio da Fatah). Com efeito, a participação do Hamas no processo político da comunidade palestiniana levou a que entrasse num registo mais moderado. Em 2018, novo confronto entre o Hamas e Israel. Os palestinianos protestaram na fronteira vedada de Gaza com Israel. As tropas israelitas, para manterem os manifestantes afastados, abriram fogo, o que resultou em mais de 170 palestinianos mortos em vários meses de protestos, com vários combates entre o Hamas e as forças israelitas.

Chegados a 2021, e após semanas de tensão durante o mês de jejum muçulmano do Ramadão, centenas de palestinianos foram feridos em confrontos com as forças de segurança israelitas no complexo de Al Aqsa em Jerusalém, o terceiro local mais sagrado do Islão. Depois de exigir que Israel retire as forças de segurança do complexo, o Hamas lança rockets contra Israel a partir de Gaza. Israel responde com ataques aéreos contra Gaza. Os combates duram 11 dias, com baixas de parte a parte.

Esta questão é extremamente relevante, pois a mesquita de Al Aqsa tem uma importância fulcral.⁷

⁷ Cf. Al Jazeera English. (1 de Fevereiro de 2023). *Why Al-Aqsa is key to understanding the Israeli-*

Situada em Jerusalém, está num local onde judaísmo, cristianismo e islamismo se encontram. Chamado de Monte do Templo pelos judeus, é o local mais sagrado para esta religião. É aqui que deve ser construído um templo quando o Messias for enviado à Terra por Deus. É importante para os cristãos a importância ad-vém do que está no Antigo Testamento e porque Jesus passou lá algum tempo. Os muçulmanos chamam-lhe Al-Haram Al-Sharif que traduzido significa o Santuário Nobre, mas também a Mesquita Al-Aqsa onde há espaço para cerca de 5000 pessoas orarem. Este é o terceiro lugar sagrado do Islão, depois de Meca e Medina. Este templo ou mesquita tinha a tradição de ser gerido pelos muçulmanos e, na verdade, a tradição dos próprios judeus ditava que não era permitido rezar lá por ser tão sagrado (um local de presença divina). Os judeus rezam fora do complexo do Monte do Templo, junto a um muro. Isto é o que estava estipulado, mas em 1967, com a Guerra dos Seis Dias (entre árabes e israelitas) esta questão mudou. Israel começou a controlar quem entrava no complexo onde está a mesquita Al-Aqsa.⁸ Inclusive, Ben-Gvir, Ministro da Segurança Nacional de Israel, entrou no complexo da Mesquita Al-Aqsa dias depois de ser eleito, sob o pretexto de que não deixar judeus entrar seria racista. Esta entrada foi condenada por vários países e o Conselho de Segurança da ONU convocou uma sessão especial para falar acerca desta questão. Há sempre receio, justificado pelo que tem sucedido, que quando se trata de uma questão relacionada com Al-Aqsa, as coisas têm tendência a escalar rapidamente. Muitos lembram que em 2000, quando Ariel Sharon (aqui enquanto líder da oposição) visitou o local, esse acontecimento espoletou a Segunda Intifada.

Em 2021, conforme já mencionado, novos confrontos entre Israel e Faixa de Gaza têm lugar em razão de questões atinentes à Mesquita Al-Aqsa.

Em Agosto de 2022 dão-se três dias de violência que começam quando ataques aéreos israelitas atingem um alto comandan-

Palestinian conflict | Start Here [Video]. YouTube. Consultado a 8 de Outubro de 2023, In <https://www.youtube.com/watch?v=Lb3v8M8dzic>.

⁸ Ibid.

te da Jihad Islâmica. Israel alega que foi uma operação preventiva contra um ataque iminente do movimento militante apoiado pelo Irão, tendo como alvo comandantes e depósitos de armas. Em resposta, a Jihad Islâmica dispara mais de 1.000 rockets contra Israel. O sistema de defesa aérea Iron Dome de Israel evitou danos graves ou vítimas. O Iron Dome é um sistema de defesa antiaérea desenvolvido pela Rafael Advanced Defense Systems, uma empresa israelita, e que foi projetado para interceptar e destruir mísseis de curto em 2011.⁹ No ano seguinte, e de acordo com o jornal The Jerusalem Post, o sistema neutralizou cerca de 90% dos mísseis lançados a partir de Gaza, os quais atingiriam áreas povoadas.

Já neste ano de 2023, a Jihad Islâmica na Faixa de Gaza dispara rockets contra Israel na sequência das tropas israelitas terem visado um campo de refugiados. Os rockets colocaram alerta as comunidades israelitas junto à fronteira, mas não causaram vítimas. Israel respondeu com ataques aéreos contra a Faixa de Gaza.

O Hamás reveste a forma de movimento político com inspiração religiosa, cujas raízes ideológicas advêm da Irmandade Muçulmana, com uma tendência *salafi* do sunismo islâmico, ou seja, há uma procura pelo regresso ao Islão puro e primitivo, com as suas atividades a circunscreverem-se aos territórios da palestina e israelita. O salafismo tem, em termos de espectro ideológico, duas principais correntes: uma mais literal, mais rígida e menos política e outra que é mais pragmática e politizada, sendo que o Hamás (e a Irmandade Muçulmana) se coadunam mais com esta segunda corrente.

Sucede, porém, que ao contrário da Irmandade Muçulmana do Egipto, a Irmandade Muçulmana da Palestina dedicava-se a atividades sociais e culturais e não a ações de cariz político e muito menos violento. Exemplo disso foi o facto de, durante a Primeira Guerra Israelo-Árabe, conflito que levou ao colapso da Irmandade Muçulmana e da comunidade árabe palestina, a Irmandade Muçulmana da Palestina não ter tido uma participação expressiva.

⁹ Cf. Cmsadmin. (20 de Outubro de 2023). Iron Dome Air Defence Missile System. Army Technology. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://www.army-technology.com/projects/iron-dome/>.

Este movimento pretende ser uma alternativa aos outros movimentos existentes, nomeadamente à Fatah. Na base da sua fundação está a ideia de fazer uma ponte entre o nacionalismo palestino e o Islão e, nesse sentido, enveredar pela conquista do território através da luta armada de cariz religioso e, ademais, tornar esta questão numa questão palestina e árabe. (Mishal, 2000)

A identidade do Hamas ficou absolutamente plasmada na sua Carta, em 1988. Neste documento de estabelecimento do Hamas ficou claro o repúdio pelos valores que a Organização de Libertação da Palestina representa, reforçando a fidelidade aos valores palestinos, mas também ao islamismo. Nesta Carta fica também patente que a solução que preconiza para o conflito israelo-palestino passa pela destruição do Estado de Israel e a edificação de um Estado Islâmico. Logo no seu ponto (2), prévio ao preâmbulo, podemos ler: *“Israel existirá e continuará existindo até que o Islã o faça desaparecer, como fez desaparecer a todos aqueles que existiram anteriormente a ele.(segundo palavras do mártir, Iman Hasan al-Banna, com a graça de Alá) ”*. O objetivo é, nesse sentido, eliminar o Estado sionista através da Jihad e, na senda de tornar este conflito uma questão palestina e árabe, tornar o Hamas no líder da ressurgência do mundo árabe e islâmico contra o sionismo e o imperialismo. Cumpre explicar que o sionismo é um movimento político e ideológico que tem por objetivo estabelecer um Estado judeu na antiga terra de Israel.

A sua atividade, conforme mencionado anteriormente, começou por ser de cariz social. Desenvolve, hoje, atividades de três tipos: ataques armados contra militares e civis, por forma a destruir Israel; atividades políticas; e atividades sociais, procurando estas últimas defender os interesses do povo palestino.

Desde que foi criado, na sequência da Primeira Intifada, o Hamas sempre incentivou uma luta feroz contra Israel. No entanto, fruto do reconhecimento das suas limitações e ainda pouca influência, usou de uma violência controlada (Mishal, 2000).

Na sequência do massacre de Hebron, o Hamas deixa a sua postura de violência controlada e começa a enveredar pelas mis-

sões suicidas, as quais, após alguma reticência inicial (em razão de serem inéditas para a comunidade sunita islâmica, pois eram mais associadas ao shiismo), foram aceites pela população e vistas como algo heróico. As suas atividades de luta armada passaram a primar pelo recurso a missões suicidas, as quais, na sua perspetiva, eram um sacrifício que honrava quem o perpetrava. O martírio é visto como uma forma de usufruir do direito islâmico à auto defesa. O uso do martírio também se dava em razão de terem a plena noção das suas limitações. Com efeito, reconheciam a superioridade bélica de Israel, e portanto este auto sacrifício servia para contrabalançar. Além disso, estavam cientes de que este martírio os colocava num nível de superioridade frente aos ocidentais em geral, em razão destes últimos não serem dotados desta pré disposição para morrer, algo que os membros do Hamás tinham, por serem detentores de uma fé inabalável.

A Faixa de Gaza está dividida em 7 distritos e a Cisjordânia em 5 distritos. Cada um dos distritos está, por sua vez, subdividido em subdistritos, e dentro destes subdistritos existem duas divisões: aldeias e campos de refugiados. Esta forma de distribuição geográfica de posições horizontais, com cada distrito a possuir órgãos próprios, dispensam a comunicação entre si, o que lhe atribui uma lógica de separação entre esta parte da organização e a parte militar, acrescentando ainda que assegura que as suas ações sejam dotadas de um sólido secretismo.

O braço armado do Hamás, como já referido, é composto pelos Batalhões de 'Izz al-Din al-Qassam. Criado por volta de 1991, desde logo se preocupou em bloquear as negociações dos Acordos de Oslo. As Brigadas Al-Qassam são taxativamente listadas como organização terrorista pela União Europeia, Austrália, Nova Zelândia, Egipto e Reino Unido. De acordo com o dicionário *Britannica*¹⁰, “terrorismo é o uso calculado da violência para criar um clima geral de medo numa população e, assim, alcançar um determinado objetivo político”. O terrorismo tem sido praticado por

¹⁰ Cf. Encyclopaedia Britannica. (3 de Novembro de 2023). Hamás | Definition, History, Ideology, & Facts. Encyclopedia Britannica. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.britannica.com/topic/Hamas>.

organizações políticas com objetivos de direita e de esquerda, por grupos nacionalistas e religiosos, por revolucionários e até mesmo por instituições estatais como exércitos, serviços de inteligência e polícia. Digamos que a comunidade académica é consensual ao afirmar que não existe uma definição absoluta de terrorismo, dado que abrange vários tipos (nacional, internacional, transnacional, nuclear, ecológico,...). No entanto, e em traços gerais, podemos afirmar que tem uma lógica de uso da violência indiscriminada contra civis para alcançar determinados objetivos.

Nesse sentido, temos a visão do ocidente em geral, nomeadamente União Europeia, EUA, Canadá, que concluem que, em razão dos ataques suicidas que perpetraram, assim como dos bombardeamentos, cujos alvos são militares, mas também civis israelitas, o Hamas é considerado efectivamente um grupo terrorista.

Por outro lado temos a visão dos seus aliados. O povo palestino considera-os uns heróis libertadores, o Irão considera-os um grupo de resistência legítimo e inclusive presta-lhes ajuda financeira e militar, assim como o Qatar e a Liga Árabe.

Os relacionamentos mais próximos do Hamas são com a Síria e o Irão. A relação com o Irão foi ainda mais peculiar em razão deste país ter auxiliado movimentos xiitas, mesmo tendo em conta que o Hamas pertence à vertente sunita. O vínculo iraniano é real, antigo e caracterizado por raízes profundas (CHEHAB, 2007). A relação entre o Irão e o Hamas começou a desenvolver-se após a Organização da Libertação da Palestina ter sido convocada para um acordo de paz com Israel.

Em 1990, Teerão organizou uma conferência onde deu o seu apoio à Palestina. O Hamas esteve presente, mas Arafat não. Neste mesmo ano, uma delegação do Hamas, liderada por Mousa Abu Marzouk, manteve conversações com altas figuras de Teerão, nomeadamente com o Aiatola Khomeini, onde o Irão prometeu fornecer apoio militar e financeiro, bem como treino militar a milhares de activistas do Hamas nas bases da Guarda Revolucionária do Irão e no Líbano. Além disto, o Hamas também estabeleceu um escritório em Teerão, declarando que “ambos compartilham uma visão idêntica na perspectiva estratégica para a causa palestina na

sua dimensão islâmica”. Nunca foi levada a cabo qualquer ação militar pelo Hamas fora da Palestina.

O Hamas é dotado de uma estrutura formal e hierárquica, com a sua infra-estrutura a dividir-se em posições horizontais e verticais. “Vertically, positions are linked to a hierarchical chain of command – instructions go down and compliance reports go up – and are controlled by supervisors with a fixed number of subordinates, each of whom has one clearly identified supervisor to whom he is responsible. Horizontally, various tasks are grouped according to the functions performed for the organization.” (Mishal, 2000).

Relativamente à liderança do Hamas, esta pode ser dividida em dois tipos: a liderança interna e a liderança externa. A liderança interna é composta por militantes do movimento que se encontram na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Já os líderes externos são aqueles garantem que o Hamas continua a ter financiamento e apoio logístico e estão localizados fora dos territórios palestinos, nomeadamente na Síria, Iémen, Kuwait e EUA (Delacoura, 2011). A liderança externa é considerada a de maior poder, e, nesse sentido, é hierarquicamente superior à liderança interna. Há, na sua estrutura, cujo fluxograma segue abaixo, uma divisão clara entre órgãos, em que se encontram ligações, ora de subordinação direta, ora de afiliação informal (ver Figura 2).

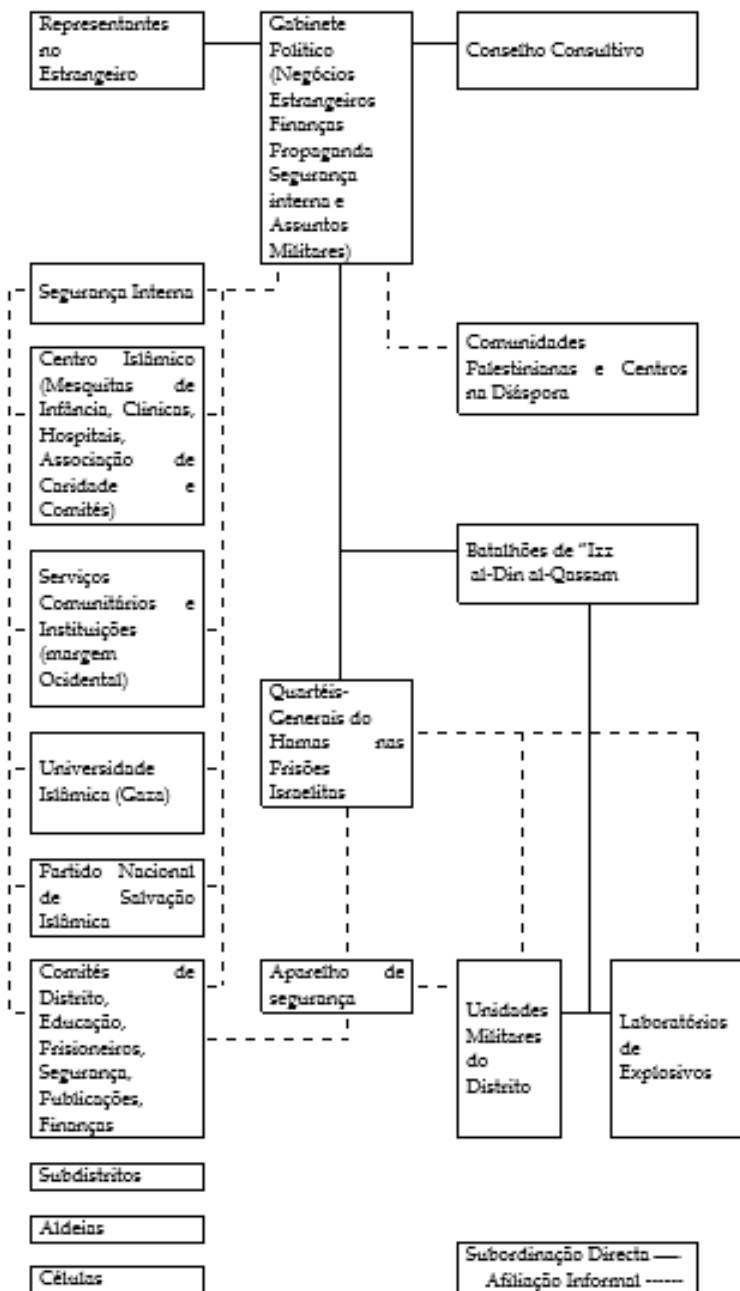


Figura 2 - Estrutura organizacional do Hamas.

Fonte: (Costa, 2003).

Devido ao seu cariz marcadamente religioso, o Hamás procede a uma campanha contínua e cerrada de recrutamento de membros nas Mesquitas, onde se dá a islamização dos seus frequentadores. Também nas escolas a organização recruta os jovens, os quais são doutrinados desde tenra idade. A maior concentração de recrutadores é efetivamente encontrada junto às mesquitas, pois é através destas que promove atividades de cariz social, desportivo, educativo e atividades de caridade, que visam o bem-estar social da população.

Esta forma de recrutamento, pela islamização por via de uma forte mobilização social e de doutrinação social, tem conseguido angariar um vasto número de seguidores e membros ativos para a organização. (Mishal, 2000).

Guerra Israel - Hamás: Outubro de 2023

A 7 de Outubro de 2023, o Hamás, que controla a Faixa de Gaza desde que foi eleito em 2006, lançou um ataque sem precedentes sobre Israel com o lançamento de mísseis e rockets, mas também com a entrada de combatentes por terra e ar no território israelita. Este ataque foi inesperado por parte do governo israelita, o que permitiu o avanço das forças do Hamás no território de Israel, com a execução de vários civis e militares. No quase imediato, Israel, pela voz do seu Primeiro-Ministro, Benjamin Netanyahu, declarou que estavam em guerra.

Um conflito que se arrasta há décadas teve uma escalada nunca antes vista com este ataque surpresa por parte do Hamás ao território israelita, considerado como um dos mais sangrentos desde o Holocausto.¹¹ A completar um mês de conflito, os bombardeamentos têm sido uma constante, assim como a divisão nas posições políticas atinentes a este assunto. Israel afirma que não

¹¹ Cf. Triviño, A., V. (6 de Novembro de 2023). Un mes de guerra entre Israel y Hamás: más de 11.400 muertos y una población acorralada. *France 24*. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.france24.com/es/medio-oriente/20231106-un-mes-de-guerra-entre-israel-y-ham%C3%A1s-m%C3%A1s-de-11-400-muertos-y-una-poblaci%C3%B3n-acorralada>.

vai terminar o ataque à Faixa de Gaza enquanto não aniquilar o Hamas. Pelo mundo podem ver-se vários protestos onde é pedido que se olhe para os civis que estão encurralados no meio das operações militares.

Nesse dia 7 do mês de Outubro de 2023 foram avistados, a partir de um festival de música a decorrer em Israel, junto à fronteira com a Faixa de Gaza, os rastos dos rockets lançados na direcção de Israel. Da Faixa de Gaza surgiram militantes do Hamas em veículos, barcos e até de parapente em direcção ao local do festival e começaram a atirar indiscriminadamente contra as pessoas que lá estavam, na sua vasta maioria jovens israelitas, mas também de outras nacionalidades.

Nos *kibutz*¹² do sul de Israel, militantes do Hamas percorreram casa a casa, disparando e assassinando indiscriminadamente quem aparecesse ou quem descobrissem, mesmo que fossem idosos, mulheres e crianças. Em Tel Aviv, a população acordou ao som dos alarmes e avisos que davam conta de que tinham apenas alguns minutos para se abrigarem nos bunkers. O Iron Dome neutralizou mais de 5000 rockets lançados desde a Faixa de Gaza.¹³

Logo após o ataque, as Forças de Defesa de Israel - Israeli Defence Forces (IDF) - reuniram e elaboraram um plano que visava eliminar o Hamas, enquanto o país e o mundo ficavam horrorizados com imagens das atrocidades cometidas nos *kibutz*. Entretanto, do Líbano, junto à fronteira norte de Israel, foram lançados rockets pelo grupo xiita Hezbollah, para mostrar solidariedade para com o Hamas. O grupo afirmou "*A resistência islâmica do Hezbollah atacou três posições do inimigo sionista nas quintas libanesas ocupadas de Shebaa, com um grande número de projéteis de artilharia e mísseis guiados*".¹⁴ Os voos de e para Tel Aviv foram sendo can-

¹² Kibutz são locais geridos democraticamente, sustentados pelos ideais económicos e interpessoais do socialismo, com lucros reunidos e partilhados entre os membros, e pelo espírito do sionismo.

¹³ Cf. Triviño, A., V. (6 de Novembro de 2023). Un mes de guerra entre Israel y Hamás: más de 11.400 muertos y una población acorralada. *France 24*. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.france24.com/es/medio-oriente/20231106-un-mes-de-guerra-entre-israel-y-ham%C3%A1s-m%C3%A1s-de-11-400-muertos-y-una-poblaci%C3%B3n-acorralada>.

¹⁴ *Ibid.*

celados por todas as companhias aéreas, gerando o caos entre os turistas que queriam sair do território. Houve uma resposta quase imediata dos Estados Unidos da América, com o envio do maior porta-aviões do mundo, o USS *General Ford*, para o Mar Mediterrâneo. O Presidente do país, Joe Biden, deu apoio a Israel, tal como a União Europeia, que de imediato cortou os apoios financeiros aos palestinianos.

Poucos dias após o ataque inicial, e já com os seus militares e logística em ação, o governo de Israel anunciou um cerco total à Faixa de Gaza. Para tanto, cortou os fornecimentos de electricidade, comunicações e água potável, restringiu a entrada de alimentos, material médico e fechou todas as fronteiras. O plano visava enfraquecer os combatentes do Hamas.

Ao quinto dia após o ataque do Hamas, Benjamin Netanyahu anunciou um governo de emergência. Significa isto que apenas se ocuparão da condução da guerra, não havendo a apresentação ou discussão de qualquer lei ou projeto do governo que não seja referente à guerra. Netanyahu conseguiu chegar a acordo com o líder da oposição, Yair Lapid, para enfrentarem a guerra. No entanto, antes mesmo deste ataque eclodir, o governo israelita, sob o comando de Benjamin Netanyahu, estava dividido e a ser fortemente contestado nas ruas, em razão da reforma judicial que pretendia implementar, a qual sonhava poderes aos juizes.¹⁵

Entretanto, pelo mundo começam a surgir receios de eventuais ataques terroristas, receio esse que aumenta à medida que aumentam as contestações à resposta israelita em território dominado pelo Hamas. Começam a surgir, um pouco por todo o mundo, fortes manifestações anti-semitas.¹⁶

¹⁵ Cf. Euronews. (30 de Julho de 2023). Israelitas protestam em massa contra lei de reforma do sistema judicial. *Euronews*. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://pt.euronews.com/2023/07/25/israelitas-protestam-em-massa-contralei-de-reforma-do-sistema-judicial>.

¹⁶ Anti-semitismo significa hostilidades para com ou discriminação contra judeus, enquanto religião, etnia ou grupo racial. In Definition of ANTISEMITISM. (2023). In <https://www.merriam-webster.com/>. Consultado a 7 de Novembro de 2023, In <https://www.merriam-webster.com/dictionary/antisemitism>.

Apenas 6 dias após a eclosão do conflito, o Secretário de Estado norte-americano Antony Blinken visitou Israel, naquela que foi uma clara manifestação de apoio ao seu aliado histórico.

Manifestações pró Palestina continuam a eclodir pelo mundo. França e Alemanha proibiram estas manifestações de apoio à causa Palestiniana, sob pretexto de terem havido ameaças terroristas.¹⁷ Após a passagem por Israel, Antony Blinken visita a Jordânia, o Egito e a Arábia Saudita.

A 19 de Outubro, Joe Biden visita Israel com o intuito de mediar a entrada de ajuda humanitária na Faixa de Gaza, visita esta que se deu após a tensão gerada pelo ataque ao hospital Al-Ahli, com acusações entre as Forças de Defesa de Israel e o Hamas sobre a autoria do atentado.¹⁸ Dias depois, a 21 de Outubro, entrou o primeiro comboio de ajuda humanitária na Faixa de Gaza, através da passagem fronteiriça de Rafah, na fronteira com o norte do Egito.

Também na Cisjordânia houve bombardeamentos, com Israel a visar uma mesquita onde alegadamente estariam membros do Hamas e da Jihad Islâmica.

Na sua sede em Nova Iorque, a ONU viveu dias de falta de consenso relativamente à guerra, com o seu Secretário-Geral, António Guterres, a proferir palavras de grande crítica a Israel, o que levou o embaixador deste país na ONU a pedir a sua demissão. Também Emmanuel Macron se deslocou ao Médio Oriente, na tentativa de mediar este conflito, sendo que para tal se encontrou com Benjamin Netanyahu em Israel e com Mahmoud Abbas, Presidente da Autoridade Nacional Palestiniana, na Cisjordânia.

Após várias tentativas falhadas, e vinte dias após a eclosão do conflito, a ONU emitiu uma resolução onde apela à “cessação das hostilidades”, apelando também a Israel para que permita um

¹⁷ Cf. Triviño, A., V. (6 de Novembro de 2023). Un mes de guerra entre Israel y Hamás: más de 11.400 muertos y una población acorralada. *France 24*. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.france24.com/es/medio-oriente/20231106-un-mes-de-guerra-entre-israel-y-ham%C3%A1s-m%C3%A1s-de-11-400-muertos-y-una-poblaci%C3%B3n-acorralada>.

¹⁸ Cf. Euronews. (30 de Julho de 2023). Israelitas protestam em massa contra lei de reforma do sistema judicial. *Euronews*. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://pt.euronews.com/2023/07/25/israelitas-protestam-em-massa-contra-lei-de-reforma-do-sistema-judicial>.

destacamento humanitário na Faixa de Gaza. Esta resolução não foi bem recebida por Israel. No dia seguinte foi confirmada a incursão terrestre de Israel na Faixa de Gaza.

Continuam os ataques de parte a parte, com Israel a conseguir avançar no território da Faixa de Gaza com o seu objetivo claro de eliminar as forças do Hamás, mas eis que a 4 de Novembro são registados protestos em Tel-Aviv contra Benjamin Netanyahu, a quem a população acusa de ter baixado a guarda das forças de defesa israelita, e com isso dar espaço ao grupo Hamás para entrar no território e atacar da forma que o fez. Este protesto vem dar destaque a uma questão que desde o início deste conflito tem sido debatida: como foi possível o Hamás entrar em Israel daquela forma, sendo que este país tem uma das melhores defesas e serviços de *intelligence* do mundo? Mas este protesto pode eventualmente ter tido lugar em razão de uns dias antes o líder do Hamás em Gaza, Yahya Sinwar, dizer que estaria disposto a libertar os 240 reféns que mantinha se Israel libertasse 6.000 prisioneiros no seu território, ao que Netanyahu respondeu negativamente, pois considerou que seria o seu Governo quem iria estabelecer as condições para negociar e não o Hamás.¹⁹

O conflito continua a desenrolar-se, com Israel, Faixa de Gaza e Cisjordânia em constantes combates na região e com o Hamás como protagonista incontornável neste conflito. A comunidade internacional pede contenção, em razão de um receio legítimo que este conflito se dissemine por todo o Médio Oriente.

Este conflito, de proporções nunca vistas na região, continua a desenvolver-se e a avançar enquanto este artigo é escrito. Enquanto o conflito entre Israel e o Hamás persiste, a esperança por uma solução justa e duradoura continua a ser um desafio inesgotável, lembrando-nos da urgência de encontrar um caminho para a paz, a coexistência e a segurança para ambas as partes.

¹⁹ Cf. Triviño, A., V. (6 de Novembro de 2023). Un mes de guerra entre Israel y Hamás: más de 11.400 muertos y una población acorralada. *France 24*. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.france24.com/es/medio-oriente/20231106-un-mes-de-guerra-entre-israel-y-ham%C3%A1s-de-11-400-muertos-y-una-poblaci%C3%B3n-acorralada>.

Num mundo globalizado que se quer pautar pelo recurso às instituições e organizações para resolver diferendos, mas onde se constata que é o realismo político que dita as relações internacionais, o conflito entre Israel e o Hamas serve como um lembrete amargo de como o equilíbrio de poder, os interesses nacionais e a complexidade da geopolítica podem moldar destinos e perpetuar um conflito que deixa toda uma região em suspenso na procura por soluções que respeitem a realidade política, mas que ao mesmo tempo abram espaço para a esperança de paz e estabilidade (ver Figura 3).

Mapa 2 – O território, hoje.



Figura 3 - A território atual.

Fonte: (Robinson, 2023).

Referências bibliográficas

Al Jazeera English. (1 de Fevereiro de 2023). *Why Al-Aqsa is key to understanding the Israeli-Palestinian conflict | Start Here* [Video]. YouTube. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://>

- www.youtube.com/watch?v=Lb3v8M8dzic.
- BBC. (18 de Fevereiro de 2011). *BBC - History - Historic figures: Ayatollah Khomeini (1900-1989)*. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In https://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/khomeini_ayatollah.shtml.
- Boniface, P., (2011). *Dicionário das Relações Internacionais*. Lisboa: Plátano Editora.
- Chehab, Z. (2007). *Inside Hamas: The untold story of the Militant Islamic Movement*. Nation Books.
- Cmsadmin. (20 de Outubro de 2023). Iron Dome Air Defence Missile System. *Army Technology*. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://www.army-technology.com/projects/iron-dome/>.
- Costa, H.S. (2003). *O Martírio no Islão*. Lisboa: ISCSP.
- Definition of ANTISEMITISM. (2023). In <https://www.merriam-webster.com/>. Consultado a 7 de Novembro de 2023, In <https://www.merriam-webster.com/dictionary/antisemitism>.
- Encyclopaedia Britannica. (3 de Novembro de 2023). *Hamas | Definition, History, Ideology, & Facts*. Encyclopedia Britannica. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.britannica.com/topic/Hamas>.
- Euronews. (30 de Julho de 2023). Israelitas protestam em massa contra lei de reforma do sistema judicial. *Euronews*. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://pt.euronews.com/2023/07/25/israelitas-protestam-em-massa-contra-lei-de-reforma-do-sistema-judicial>.
- Guita, L. (18 de Outubro de 2023). Israel diz que Jihad Islâmica é responsável por explosão no hospital. *Euronews*. Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://pt.euronews.com/2023/10/18/israel-diz-que-jihad-islamica-e-responsavel-por-explosao-no-hospital>.
- ifamericansknew. (n.d.). A synopsis of the Israeli-Palestinian conflict. *ifamericansknew.org*. Consultado a 7 de Novembro de 2023, In <https://ifamericansknew.org/download/synopsis.pdf>.
- Mishal, S., (2000). The Palestinian Hamas: vision, violence, and coexistence [Dataset]. In *The SHAFR Guide Online*. Consultado

- a 7 de Novembro de 2023, In https://doi.org/10.1163/2468-1733_shafr_sim220070066.
- Reuters. (7 de Outubro de 2023). Timeline of conflict between Israel and Palestinians in Gaza. *Reuters*. Retrieved Consultado a 28 de Outubro de 2023, In <https://www.reuters.com/world/middle-east/conflict-between-israel-palestinians-gaza-2023-10-07/>.
- Robinson, K. (31 de Outubro de 2023). What is Hamas? *Council on Foreign Relations*. Consultado a 7 de Novembro de 2023, In <https://www.cfr.org/background/what-hamas>.
- Sarkissian, A. (2012). Islamism Terrorism and Democracy in the Middle East. By Katerina Delacoura. New York: Cambridge University Press, 2011. 224p. \$85.00 cloth, \$26.99 paper. *Perspectives on Politics*, 10(1), 156-157.
- Triviño, A., V. (6 de Novembro de 2023). Un mes de guerra entre Israel y Hamás: más de 11.400 muertos y una población acorralada. *France 24*. Consultado a 6 de Novembro de 2023, In <https://www.france24.com/es/medio-oriente/20231106-un-mes-de-guerra-entre-israel-y-ham%C3%A1s-m%C3%A1s-de-11-400-muertos-y-una-poblaci%C3%B3n-acorralada>.
- United Nations. (1951). *GENERAL PROGRESS REPORT AND SUPPLEMENTARY REPORT OF THE UNITED NATIONS CONCILIATION COMMISSION FOR PALESTINE: Covering the period from 11 December 1949 to 23 October 1950*. <https://web.archive.org/web/20070606212650/http://domino.un.org/unispal.nsf/9a798adbf322aff38525617b006d88d7/93037e3b939746de8525610200567883%21OpenDocument>.